



Artigo

## **LIBRAS COMO L1 NO PROCESSO EDUCACIONAL: Os caminhos para um ensino de qualidade de pessoas surdas no Brasil**

Autores: Marcos Ataliba Ferreira da Silva<sup>1\*</sup>; Juliana Luiza Torres Gomes<sup>2</sup>; Rômulo Perpétuo do Nascimento Ramos<sup>3</sup>; Barbara Neves Salviano de Paula (Orientadora)<sup>4</sup>

\*Autor correspondente: marcos.ataliba@educacao.mg.gov.br

<sup>1</sup>UFMG; <sup>2</sup> UFMG ; <sup>3</sup>UFMG; <sup>4</sup>UFMG.

### **RESUMO**

A educação de pessoas surdas no Brasil apresenta desafios estruturais e linguísticos que comprometem a qualidade do ensino, principalmente pela ausência de escolas bilíngues e pelo acesso tardio à Libras. Nesse contexto, o estudo tem como objetivo analisar a importância da Língua Brasileira de Sinais como primeira língua no processo educacional de estudantes surdos, destacando seus impactos no desenvolvimento cognitivo, social e identitário. A metodologia baseia-se em revisão teórica aliada à análise de experiências no ambiente escolar, contemplando aspectos como alfabetização, ensino de Libras, planejamento pedagógico e uso de recursos didáticos. Os resultados evidenciam que a Libras como língua de instrução favorece a aprendizagem, amplia a participação e fortalece a identidade dos alunos, enquanto que a falta de profissionais qualificados, de materiais específicos e de práticas adequadas contribui para a exclusão e defasagem educacional. Observa-se ainda que estratégias visuais, atividades interativas e tecnologias potencializam o ensino. Conclui-se que a efetivação da Educação Bilíngue, com Libras como L1 e Português escrito como L2, é essencial para garantir qualidade educacional.

**Palavras-chave:** Educação de Surdos. Libras como L1. Ensino de Libras.

### **ABSTRACT**

Deaf education in Brazil presents structural and linguistic challenges that compromise the quality of teaching, especially due to the absence of bilingual schools and the late access to sign language. In this context, this study aims to analyze the importance of Brazilian Sign Language as a first language in the educational process of deaf students, highlighting its impacts on cognitive, social, and identity development. The methodology is based on a theoretical review combined with the analysis of experiences in the school environment, addressing aspects such as literacy, the teaching of Brazilian Sign Language, pedagogical planning, and the use of teaching resources. The results show that Brazilian Sign Language as the language of instruction enhances learning, increases student participation, and strengthens their identity, while the lack of qualified professionals, specific materials, and appropriate practices contributes to exclusion and educational gaps. It is also observed that visual strategies, interactive activities, and technologies enhance teaching. It is concluded that the implementation of bilingual education, with Brazilian Sign Language as L1 and written Portuguese as L2, is essential to ensure educational quality.

**Keywords:** Deaf Education. Brazilian Sign Language as L1. Teaching of Brazilian Sign Language.





## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa mostrar a importância da Língua Brasileira de Sinais como primeira língua no processo de educação das pessoas surdas. Observa-se que, para o surdo brasileiro, a Libras propicia seu desenvolvimento linguístico e social, sendo essencial para seu aprendizado. Segundo Quadros (2007), a utilização da Libras como L1 também vai proporcionar uma maior capacidade de expressão das ideias e dos pensamentos, desenvolvendo as funções cognitivas das crianças surdas.

Atualmente, o processo educacional da pessoa surda é muito complexo, podemos atribuir isso a distintos fatores como a ausência de escolas bilíngues e o atraso ou até mesmo a privação da aquisição de língua em alguns contextos, tendo em vista que as crianças surdas nascem, majoritariamente, em famílias ouvintes. Dados do IBGE de 2022 estimam que 2,6 milhões de pessoas têm dificuldade permanente de ouvir. Ressaltamos que a aquisição da linguagem – seja por crianças surdas ou ouvintes - se dá pela comunicação e pelas interações do meio em que estão inseridas. Há casos em que o primeiro contato da criança surda com a língua de sinais ocorre no âmbito escolar. Logo, a escola precisa garantir que o estudante surdo tenha acesso integral também a essa língua durante todo o período em que estiver ali. Porém, outros desafios acontecem no espaço escolar; podemos citar a falta de profissionais fluentes e que conheçam profundamente a cultura surda e sua identidade. Para Sacks (2010, p. 38) “as crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros.”

Baseado nas pesquisas e estudos de outros autores como Goldfeld (2002) e Quadros (1997), evidencia que o processo de alfabetização e escolarização de crianças surdas deve acontecer por meio de sua primeira língua, ressaltando o que determina a Lei nº 10.436, que garante a Libras como língua de instrução para os surdos. É necessário haver escolas bilíngues com professores surdos e/ou, na ausência desses profissionais, professores ouvintes proficientes na língua de sinais. Dessa forma, as crianças surdas estarão expostas à sua língua, cultura e identidade, desenvolvendo nelas o senso de capacidade e pertencimento.





## 2 METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como uma revisão teórica, de natureza bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de produções e pesquisas acerca da educação de surdos, do ensino de Libras como primeira língua (L1) e da Educação Bilíngue. Deste modo, apresentamos, a seguir, a metodologia de sua produção e desenvolvimento, dado esta não ser uma pesquisa empírica formal.

Este artigo foi desenvolvido tendo por base a produção de um trabalho final da disciplina *Fundamentos Metodológicos do Ensino de Libras como L1*, ministrada no curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Minas Gerais. A produção do estudo ocorreu a partir de uma proposta de aprofundamento teórico e reflexivo sobre o ensino de Libras como primeira língua para estudantes surdos.

Inicialmente, realizou-se a seleção de referências bibliográficas relevantes na área da Educação de Surdos e do ensino de Libras, contemplando autores como Quadros (1997, 2007), Goldfeld (2002), Sacks (2010) e Stumpf (2005). As obras foram escolhidas considerando sua contribuição para discussões relacionadas à aquisição da linguagem, alfabetização, Educação Bilíngue e ensino de Libras como L1.

Após a seleção bibliográfica, os textos foram lidos e discutidos coletivamente pelos autores do artigo, buscando compreender os fundamentos teóricos apresentados e relacioná-los às experiências profissionais e formativas de cada integrante do grupo, dentre elas: atuação como intérprete de Libras, como instrutor de Libras e como estagiário no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no curso de Letras-Libras. Tal análise dos dados e relatos de experiência ocorre de forma descritiva e interpretativa, buscando identificar desafios, possibilidades e contribuições para práticas educacionais que valorizam a Libras como língua de instrução do estudante surdo e promovam uma educação de qualidade.





As discussões realizadas em sala de aula, articuladas às leituras teóricas e às reflexões oriundas das experiências profissionais dos autores, serviram de base para a elaboração deste artigo. Assim, o texto caracteriza-se como um estudo de natureza reflexiva e descritiva, fundamentado na análise crítica da literatura e na interlocução entre teoria, formação acadêmica e prática educacional voltada ao ensino de Libras como primeira língua.

### **3 O QUE ESTÁ ENVOLVIDO NO PROCESSO DE ENSINO DO ALUNO SURDO**

O estudo evidencia que o ensino e modelos educacionais para crianças surdas requerem diferentes estratégias e análises para melhor atender suas especificidades, sendo a principal delas o ensino por meio da Libras. Dessa forma, abordaremos a Língua Brasileira de Sinais, reconhecida em 24 de abril de 2002 por meio da Lei nº 10.436 e regulamentada pelo Decreto nº 5.625/05, como o meio legal de comunicação, expressão e instrução da comunidade surda brasileira. Nesse cenário, a Libras é considerada a L1 das crianças surdas. Libras como L1 refere-se à Língua Brasileira de Sinais como primeira língua do sujeito surdo, isto é, a língua adquirida prioritariamente no processo de desenvolvimento linguístico, cognitivo e social. A L1 é a língua com a qual o indivíduo terá maior afinidade linguística, pois é adquirida espontaneamente, sem necessariamente passar pela exposição a um processo formal de ensino.

Tal modelo de ensino se justifica pela urgência na promoção de uma educação com mais qualidade e que respeite as particularidades linguísticas da comunidade surda. Para tanto, faz-se importante um trabalho em conjunto entre as instituições de ensino e o núcleo familiar, a fim de compreender os processos com os quais as crianças vão se deparar ao longo de suas vidas, como: alfabetização, o ensino de Libras e os ambientes de ensino, uma vez que cada uma dessas etapas é primordial para o sucesso educacional. Dentro desse processo, a figura do professor, é de extrema importância. Diante disso o profissional precisa planejar suas aulas e atividades para melhor atender o seu grupo estudantil.

Dentre esses processos, destacam-se:





### 3.1 Alfabetização

Para darmos início às discussões sobre alfabetização em Libras, é necessário voltarmos no tempo e entender o que é esse processo. A criação da escrita parte da necessidade de se registrar saberes, culturas e demais demandas sociais de um povo. Essa é uma prática milenar, como demonstram os registros de pinturas rupestres em cavernas pelas civilizações antigas. Diante dessa perspectiva e importância da escrita para a sociedade, o processo de alfabetização envolve técnicas para a representação do sistema alfabético de uma língua, como também o uso de normas ortográficas. De acordo com os estudos de Silva (2009, p.54) a escrita e a leitura possuem um fator social: “[precisa-se] sentir a necessidade e o prazer de ler e escrever, fato que raramente se observa entre crianças, jovens e adultos surdos”. Contudo, a alfabetização também abrange outras habilidades. Soares (2020) aponta algumas delas, como: o desenvolvimento motor para utilização de ferramentas didáticas (lápiz, tesoura, cola, etc.); o modo de ler e escrever (direção da escrita); a organização do espaço e a postura corporal.

Silva nos lembra: “até pouco tempo a representação escrita das línguas de sinais não existia e, portanto, as línguas de sinais eram consideradas ágrafas.” (SILVA, 2013, p. 18). Uma língua ser ágrafa não anula sua existência, apenas indica que ela não dispõe de um sistema convencional de escrita. Entretanto, a classificação das línguas de sinais como ágrafas pode ter sido uma das causas da marginalização dessas línguas, ao associar a legitimidade linguística de um povo apenas à escrita. Com o passar do tempo, alguns sistemas de escritas das línguas de sinais foram surgindo, sendo um dos mais conhecidos, o sistema *SignWriting*, criado por Valerie Sutton em 1974. No Brasil, dois dos pioneiros nos estudos sobre o sistema de escrita da Libras foi o professor Antônio Carlos da Rocha Costa e a professora Marianne Rossi Stumpf. A professora destaca sobre o sistema: “a escrita da língua de sinais é importante para nós surdos que temos muita dificuldade de escrever em Português.” (STUMPF, 2005, p. 18). Dentro do processo de alfabetização dos surdos, a





utilização de um sistema de escrita para registro, leitura e que carregue elementos da identidade surda é fundamental, além de promover a autonomia do aluno com sua língua.

Diante do exposto, observa-se que o sistema de escrita de sinais é uma forma de descolonização de métodos de ensino orais, uma vez que o ensino de Português para surdos carrega a característica de oralidade.

### **3.2 O ensino de Libras como L1**

O ensino de Libras tem alguns desafios que impactam diretamente na qualidade e efetividade de seu processo. Segundo Basso et al. (2009), um desses desafios são as diferentes identidades surdas, suas características e principais necessidades. Cada indivíduo possui própria identidade, com diversas influências sociais, culturais e familiares.

A maioria dos sujeitos surdos carregam uma característica em comum, qual seja, o fato de serem filhos de pais ouvintes. Sabemos que o primeiro contato social de uma criança ocorre em seu núcleo familiar. Todavia, as crianças surdas que nascem em famílias de pais ouvintes enfrentam alguns entraves, entre eles a barreira da comunicação e a adaptação dos pais ouvintes à realidade do filho. Segundo Behares (1996), aproximadamente 95% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes, o que implica, na maioria dos casos, ausência de exposição precoce à língua de sinais e possíveis impactos no desenvolvimento linguístico. Essa diferença linguística afeta o ato de ensinar, uma vez que o universo das línguas de sinais e orais perpassam por caminhos opostos.

É importante lembrar que durante o processo de ensino de surdos, existem

[...] práticas e eventos dentro da cultura surda que ativam as línguas de sinais e suas formas de interação, produzindo um letramento tanto individual como social que revelam dinâmicas próprias de atuar e interagir socialmente." (BASSO et al., 2009, p.12).

Assim, as metodologias para ensino de surdos devem abordar diferentes espaços no qual esse aluno possa estar efetivamente inserido, ampliando seu contato com vários discursos de sua língua.





### **3.3 Campos do ensino de Libras L1**

O ensino de Libras como L1 passa por alguns âmbitos, entre eles o pedagógico. Dentro desse campo, é necessário que o ensino da língua considere o seu uso real, ou seja, onde e por quem essa língua é produzida. O professor deve, nesse aspecto, ter uma visão ampla sobre o povo surdo, sua cultura e identidade, criando interações com o mundo surdo. Assim, ele trabalhará “dialogicamente com seus alunos e poderá contribuir para a formação de produtores de textos e leitores críticos e participativos no mundo onde vivem.” (BASSO et al., 2009, p.23). Um importante aliado nesse processo são os gêneros discursivos. Por meio deles, é possível trazer situações reais dos alunos surdos que estejam no contexto da comunidade surda. Vamos abordar e exemplificar como o ensino de Libras como L1 pode acontecer, de modo a respeitar a língua da pessoa surda e efetivar o aprendizado. A seguir veremos algumas dessas possibilidades.

#### **3.3.1 Língua Sinalizada**

Existem dois fatores que precisam ser analisados nesse contexto, o fator interno e o externo. Internamente, é preciso levar em conta o cenário da aquisição linguística do aluno. Por exemplo: quando ocorreu o primeiro contato com a língua, se está inserido em uma família ouvinte ou surda, etc. Externamente, considera-se como foi o processo histórico e social de ensino: se ocorreu em uma escola regular, em um instituto de surdos ou em outros ambientes nos quais teve contato com a língua de sinais. A língua sinalizada deve ser pensada em diferentes ambientes, não apenas dentro da escola, mas também nas interações com amigos e familiares, nas interações verbais de discurso (palestras, eventos) e em contexto formais e informais.

Entretanto, o que os autores deste artigo identificam pela sua experiência no ambiente escolar, como intérpretes e instrutores, é a falta de uma estrutura que permita o desenvolvimento do aluno com sua língua, seja pela falta de suporte familiar ou nas limitações impostas ao mesmo.





### **3.3.2 Leitura e escrita**

A leitura não se resume apenas à decodificação de símbolos gráficos de uma língua, mas também envolve a capacidade de compreensão e interação de um meio com outro, enquanto a escrita é a capacidade de registrar e elaborar diferentes formas de visão de mundo. Sabemos que a língua de um povo exerce uma relação de poder dentro da sociedade e perpassa gerações; os registros e as interpretações são parte fundamental para o fortalecimento de identidades, crenças, costumes e demais artefatos culturais. Ao tratarmos do processo de leitura e escrita, um fator importante na perspectiva da Libras, são as histórias narradas em língua de sinais e sobre língua de sinais. Essa prática deve estar presente no cotidiano das turmas de Libras como L1.

A escola pode abordar essa questão de diferentes formas, seja expondo as crianças em ambientes com outros surdos, a exemplo as associações de surdos, ou até mesmo convidar surdos para contar histórias. As histórias narradas podem ser debatidas em sala quanto aos elementos que estão inseridos nela, seja personagens, cenário, tempo, desfechos, etc. Estimular os alunos a criarem suas próprias narrativas, contando quais são os seus gostos, experiências, etc. e utilizar o meio em que o estudante vive como motivador e encorajador significa fomentar e valorizar os aspectos individuais e sociais do estudante.

### **3.3.3 Análise linguística: gramática**

A estrutura gramatical é um elemento muito importante para o ensino de línguas. Na perspectiva do ensino de Libras como L1, uma observação muito importante deve ser praticada: a utilização de recursos visuais. A produção de texto em sinais contribui para que a gramática da língua seja manifestada de forma mais abrangente. O aluno surdo, durante a produção, faz uso de recurso da língua para melhor compreensão. Dessa forma, desenvolve aspectos como o léxico, uso de classificadores e ativa seu conhecimento prévio acerca de assuntos pertinente à sua língua.

Um ponto essencial durante a produção linguística é o registro. Essa ação permite que o aluno tenha um retorno do que está sendo produzido e ajuda também os demais





alunos, uma vez que tal registro pode tornar-se material de ensino para a classe. Por exemplo, ao incentivar os alunos a produzir diferentes gêneros textuais e a gravá-los, seguindo a estrutura necessária para tal. O papel do professor, nesse momento, é muito importante; cabe a ele instruir, não apenas sobre o conteúdo teórico das disciplinas, mas também garantir que estejam presentes os aspectos culturais da comunidade surda, que se reconheça a forma de sinalizar associada ao gênero e que façam o uso de tecnologias para produção e edição do conteúdo. Ao tratarmos de Libras, os registros devem ser feitos por meio de vídeos ou utilizando a escrita da língua.

### **3.4 Planejamento e Atividades**

Planejar uma aula inclusiva para pessoas surdas requer atenção às necessidades específicas de comunicação, aprendizado e interação do sujeito. No entanto, é sempre necessário criar estratégias baseadas no perfil da classe. É preciso estar atento para que a divisão e segregação de alunos não se mantenha como uma realidade nas escolas. Por falta de conhecimento, alguns professores privam o aluno surdo de realizar atividades, por acreditarem que o fato da surdez incapacita o aluno de executar as propostas passadas para os demais alunos ouvintes. Em alguns casos, o aluno nem é avaliado e recebe uma pontuação sem nenhum critério pré-definido.

Durante o planejamento, uma etapa muito importante é a escolha e desenvolvimento das atividades. As atividades deverão ser elaboradas com o intuito de fazer com que o aluno tenha interesse em aprender e desenvolva sua autonomia. Nessa perspectiva, Freire (1996) critica a educação baseada apenas na transmissão mecânica de conteúdos e defende práticas pedagógicas que promovam a participação ativa do estudante, valorizando sua experiência e seu envolvimento no processo educativo.

Nas seções a seguir, vamos abordar e exemplificar alguns passos para elaboração de um bom planejamento e atividades.

#### **3.4.1 Planejamento**





As classes são definidas de acordo com distintas motivações. Por isso, normalmente será preciso usar estratégias diferentes em cada turma pelo fato de que cada uma delas terá perfis diferentes. Desta forma, o planejamento é um importante aliado, não apenas para área da educação, mas para todas as atividades humanas. Alguns questionamentos podem ser respondidos quando do momento do planejar-se: quais objetivos pretendo alcançar? Em quanto tempo? Como alcançar? Como avaliar?, etc.

Um planejamento precisa conter algumas etapas, como:

1. **Conhecer a realidade dos estudantes:** saber quais as necessidades dos alunos, o ambiente no qual vivem, seus objetivos, desejos e área de interesse.
2. **Elaborar:** conforme o perfil da turma, desenvolver maneiras de traçar objetivos e como alcançá-los.
3. **Executar:** colocar em prática o pensamento, dando autonomia para que os alunos possam realizar o que será proposto.
4. **Avaliar:** é necessário avaliar o que deu certo e o que precisa melhorar do planejamento, a fim de ajustá-lo.

### 3.4.2 Atividades

Atividades interativas e visuais são fundamentais para o ensino de surdos. Também, a criação de jogos e projetos nos quais os alunos possam aplicar teoria à prática e o trabalho em grupo podem fomentar a aprendizagem ativa.

Podemos usar a criatividade e criar peças de teatro e oficinas de poesias em sinais para alunos surdos. Esse é um ótimo cenário para trabalhar com a Literatura Surda, tendo por objetivo representar e fortalecer a língua de sinais, a identidade e a cultura surda. Os diversos gêneros literários abordam temáticas que valorizam o povo surdo, gerando no aluno um senso de pertencimento.

Para os trabalhos em sala de aula, podemos utilizar jogos de *quizes* educativos que reforcem o conteúdo de forma lúdica. Alguns exemplos utilizados pelos autores deste artigo são o *Kahoot* e o *Wordwall*. No decorrer dos trabalhos com crianças surdas, notamos que





esses recursos tecnológicos ajudam na fixação da matéria ensinada, além de utilizarem recursos visuais em sua aplicação, tornando a experiência de ensino mais leve e condizente com a especificidade linguística do aluno.

Saídas de campo são uma boa alternativa, visando proporcionar visitas a locais relevantes que complementam o aprendizado, como, museus, supermercados, fábricas ou centros de pesquisas. Nesse sentido, os alunos podem desenvolver seu aprendizado tendo por paralelo seu próprio cotidiano. Sugerimos a exploração artística relacionada ao tema da surdez, como assistir filmes sobre a história de surdos e das línguas de sinais, incentivando assim o conhecimento da cultura surda. Motive os alunos a trazer estudos de caso de situações reais relacionadas ao conteúdo de aula, permitindo que eles analisem e discutam as soluções encontradas.

Faz-se importante integrar ferramentas tecnológicas, como aplicativos educacionais e recursos como tablets e notebooks, para, não somente ensinar os alunos que têm poucas habilidades tecnológicas, mas também tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas. Neste contexto, ensinar ao aluno surdo a explorar as tecnologias para melhorar o interesse e aprendizado é fundamental. Hoje, contamos com plataformas pensadas para o ensino e a interação por meio da Libras. Podemos citar: *Hand Talk*, *Librário*, *Senai Libras*, *Spread Signs*, etc. Esses recursos possuem funções de uso para além das pedagógicas, contudo, podem ser utilizados de tal forma no processo de ensino-aprendizagem do estudante surdo, pois, além de promover o contato com a língua de sinais, despertam o interesse dos alunos, visto que estamos imersos em uma era tecnológica e o acesso a esses meios está cada vez mais presente na vida da sociedade.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao longo de nossa experiência na área educacional, vivenciamos situações em que o sujeito surdo é privado de realizar atividades que requerem uma interação comunicacional. Podemos citar o caso de uma aluna surda matriculada no ensino fundamental: apesar de ter sido eleita como representante de turma por meio de votação, não era acionada para realizar





tais atribuições do cargo, como dar algum recado ou buscar um material fora de sala. Alguns professores, diante das demandas citadas anteriormente, pediam à vice-representante ou até mesmo a outro aluno para realizar essas tarefas. Infelizmente, casos assim não são raros de acontecer, visto que as barreiras linguísticas são muitas vezes ignoradas ou descredibilizadas, e o sujeito surdo é visto como incapaz.

Outro testemunho, aconteceu durante as aulas de Educação Física em uma escola de Ensino Fundamental. Ali, muito comumente o aluno surdo era excluído de realizar as atividades, tanto pela docente – por não conseguir comunicar-se com o ele, a fim de orientá-lo das atividades propostas - como pelos demais colegas de turma que, em alguns momentos, não queriam o aluno em seus grupos ou times, devido à necessidade de se comunicar durante a tarefa e o estudante surdo compreender outra língua.

Conforme discutido anteriormente, e segundo as contribuições de Basso et al. (2009), é importante que o professor busque maneiras de dialogar e alcançar seus estudantes, dentro de sua língua e letramento. Sacks (2010) chama a atenção para a necessidade do contato dos estudantes surdos com outras pessoas dessa comunidade. O trabalho do professor em conjunto com o instrutor de Libras, que em sua maioria são surdos, reforçaria esse laço e proporcionaria uma melhor integração do estudante com as atividades propostas.

Percebemos também que, muitas vezes, as atividades em sala de aula que requerem habilidade na leitura e escrita não são bem planejadas para os estudantes surdos. Citamos uma proposta muito comum - o ditado. Essa atividade exclui o estudante surdo, uma vez que é pensada e voltada para os demais alunos ouvintes. Em determinados momentos, o professor isenta o estudante de realizar a atividade, excluindo-o de uma participação integral com os demais. Como abordamos anteriormente, o sistema de escrita de sinais também é uma realidade muito distante nas instituições de ensino aqui no Brasil. Esse fato contribui para uma defasagem do processo de alfabetização por meio de Libras com L1. Observamos que a alfabetização dos alunos surdos dentro das escolas que tivemos contato perpassa apenas pela língua oral, o Português.





A elaboração desse artigo também possibilitou reflexões acerca da atuação profissional dos autores enquanto intérpretes e instrutor de Libras. O desenvolvimento do estudo permitiu compreender de maneira mais aprofundada os desafios presentes no processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos, principalmente no que se refere ao uso de estratégias pedagógicas, planejamento das atividades e valorização da Libras como L1. Além disso, a pesquisa e análise dos referenciais teóricos e dos relatos de experiência contribuíram para ampliar a percepção dos autores sobre a importância de práticas pedagógicas estarem alinhadas às especificidades linguísticas dos estudantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO**

Diante do exposto artigo, percebemos o quão necessário é determinar a Libras como L1 no processo educacional de crianças surdas. Esse processo traz muitas complexidades, com as quais muitas escolas e profissionais da área da educação não estão preparados para lidar. Um fator a ser considerado é a ausência de classes e escolas bilíngues, que teriam uma estrutura apropriada e pensada para o seu educando surdo, uma vez que a proposta defende o uso de Libras como a sua L1 e o Português, em sua modalidade escrita, como L2. Além disso, o ambiente bilíngue propicia ao surdo um desenvolvimento linguístico, cultural e social. Alguns avanços já ocorreram, como a elaboração do Decreto nº 5.626/2005 que ampara a ideia apresentada. Embora a legislação brasileira reconheça tal proposta, percebemos que isso ainda não é o suficiente para uma educação eficaz, visto que existe um descompasso entre a política pública e a realidade educacional.

Como defende Quadros (2007), a Libras ajuda o sujeito surdo a se expressar e a organizar seus pensamentos. Os estudos apontam que o processo de alfabetização por meio da Libras como L1 deve acontecer nas instituições de ensino, pois, dessa forma, teremos resultados mais eficazes no ensino e aprendizagem de alunos surdos. Um processo educacional passa por diferentes etapas, como a alfabetização. Mas esse processo não deve ser pensado apenas de maneira tradicional, resumindo-se na promoção da escrita e leitura de uma língua oral. Antes, deve objetivar todo componente auxiliador da aquisição do saber





como: o desenvolvimento de habilidades motoras, de compreensão de gêneros textuais, organização no espaço, entre outros fatores.

No entanto, essa ampliação não anula a importância da leitura e escrita. Ao trabalharmos com crianças surdas, o processo pedagógico deve seguir as particularidades da língua, como o uso da escrita de sinais para produção textual e leitura. Contudo, a realidade enfrentada pelos alunos surdos ainda é muito falha, uma vez que são poucas as instituições de ensino, ou até a mesmo grupos familiares, que fazem uso da escrita de sinais. A alfabetização de crianças surdas continua muito pautada e dependente da Língua Portuguesa. Percebemos que a proposta bilíngue de ensino de surdos ainda não é uma realidade no processo educacional. Ressaltamos que essa proposta defende o uso de Libras como L1 e do Português como L2, na modalidade escrita. Entretanto, faltam materiais que corroborem essa proposta em sala de aula e professores formados e capazes de ensinar e instruir por meio da Libras.

Quanto ao papel do professor, um dos pontos principais é o planejamento. Planejar uma aula é conhecer as especificidades do aluno, suas necessidades e identificar o perfil da turma para atuar de forma eficiente. O planejamento deve seguir alguns passos, conforme destacamos neste texto e permite elaborar atividades que atendam às necessidades do aluno surdo, visando sempre ofertar um ensino de qualidade. Os resultados indicam que muitos são os avanços na educação de surdos, contudo, ainda temos um longo caminho para percorrer e conquistas para alcançar.

## REFERÊNCIAS

BASSO, I. M. de S.; STROBEL, K.L.; MASUTTI, M. **Metodologia do ensino de Libras L1**. Curso de Letras Libras. CCE/UFSC - 2009.

BEHARES, L.E. **Aquisição da linguagem e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

BRASIL. Lei nº 10,436, 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá providências**. Brasília, DF, 24 de abril de 2002.





FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 7ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

IBGE. Censo Demográfico 2022: pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista: resultados preliminares da amostra.

Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102178.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2016.

QUADROS, R. M. de & PIZZIO, A. **Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora**. Salles, H. (org.) Editora da UnB. 2007.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 126 p. ISBN 85-7307-265-2.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, I. M. O. da. **Escrita de Sinais: um instrumento de registro e reflexão para a Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, F. I. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: SignWriting**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: [https://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Silva\\_Analisando\\_processo\\_de\\_leitura\\_possivel\\_escrita\\_LBS\\_Signwriting\\_2009.pdf](https://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Silva_Analisando_processo_de_leitura_possivel_escrita_LBS_Signwriting_2009.pdf). Acesso em: 16 abr. 2026.

SOARES, M. **Alfaletar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

STUMPF, M. **Aprendizagem De Escrita De Língua De Sinais Pelo Sistema Signwriting: Línguas De Sinais No Papel E No Computador**. Porto Alegre: Ufrgs, 2005. Tese (Doutorado Em Informática Na Educação), Pós-Graduação Em Informática Na Educação, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, 2005.

